Folha do MOSAICO CARIOCA

MOSAICO CARIOCA DE ÁREAS PROTEGIDAS

Ano 1, n°2 Out/Dez de 2014

Editorial

Repensando a gestão participativa no Mosaico Carioca

Desde 2013 o Mosaico Carioca (MC) encontra-se em um momento importante de reestruturação de sua forma de organização, funcionamento e atuação em seu território de abrangência. Uma das alterações mais significativas ocorridas foi a constituição do conselho consultivo, com composição ampliada e paritária entre entes governamentais e organizações da sociedade civil, envolvendo setores representativos da realidade na qual o MC se insere, e representações legitimamente eleitas e aptas a discutirem o que está acontecendo no território. Com base em um amplo processo de discussão e diálogo para se chegar ao formato atual, indiscutivelmente, o conselho do MC atende aos pressupostos democráticos definidos pelo Estado brasileiro de participação social e política, em espaços públicos, do cidadão organizado coletivamente. Espaços estes que são relevantes para a transparência no tratamento do que é de interesse público; para a manifestação respeitosa de opiniões e posições convergentes e divergentes; para o planejamento, a construção e a decisão conjunta sobre as iniciativas de intervenção; para a responsabilização dos diferentes atores sociais envolvidos; e para a tomada de decisão fundamentada na informação e no conhecimento qualificado e socializado.

No entanto, apesar do seu significado para o amadurecimento da democracia na área ambiental, nem todos compreendem ou aceitam um modelo de gestão territorial integrado e participativo na gestão de unidades de conservação e de mosaicos. Essa constatação, evidenciada em resistências ocultas ou manifestas de alguns sujeitos, reflete um longo histórico de gestão ambiental no país eminentemente tecnocrático, fundamentado na supremacia do saber técnico sobre outros saberes e experiências, e estruturado em forte dissociação entre sociedade e natureza, legitimada em seus marcos regulatórios, criando uma cultura institucional pragmática e de pouco diálogo com a sociedade e com outras políticas públicas que não as ambientais.

É como se a democracia e a produção coletiva atrapalhasse o cumprimento da finalidade última de uma unidade de conservação, qual seja, a conservação da biodiversidade, fazendo com que o conselho seja um "peso a mais" para a gestão de UC e não um potencializador da gestão. Esse tipo de pensando traz em si alguns problemas sobre os quais precisamos refletir.

Uma primeira reflexão mais estrutural, diz respeito a onde se coloca o determinante do problema: no fenômeno em si ou em suas causas. Ora, dizer que o conselho atrapalha a gestão é ignorar que a gestão pública tem que cumprir finalidade pública, assegurada em um Estado republicano como é o nosso, e que os principais limitadores do cumprimento de suas atribuições estão no desenvolvimentismo em curso no país. Isso, entre outras coisas, significa o "achatamento" das políticas ambientais, o avanço de práticas altamente impactantes por meio dos grandes empreendimentos licenciados, o sucateamento das instituições públicas, a precarização do trabalho dos gestores e de suas condições materiais. Colocar a participação como entrave é perder, inclusive, a possibilidade de se ter a sociedade na defesa política das UCs e demais áreas protegidas. É se isolar e querer superar os problemas por meio de procedimentos que minimizam sem resolvê-los. É colocar como causa o que é efeito.

Outra reflexão que deve ser feita diz respeito ao receio em colocar o gestor público subordinado à sociedade civil. Ora, a organização do Estado é clara nesse sentido. O gestor público tem suas atribuições definidas em leis e são estatutárias e toda instância coletiva é subordinada às leis e normas que regem a sociedade brasileira. Ou seja, não existe esse risco. A democracia não subordina um ao outro, mas estabelece a construção coletiva respeitando-se as distintas atribuições, competências e responsabilidades. A participação e a tomada de decisão se circunscrevem a o que as normas estabelecem e servem para democratizar o processo, amadurecer relações institucionais, criar co-responsabilidades, mobilizar o cidadão para aquilo que se refere à defesa do ambiente como bem comum. Por exemplo, não se pode decidir nada que fira o que está no SNUC ou na criação de uma UC. Se destes instrumentos se discorda, a instância de discussão pode ser o conselho, mas a alteração tem que ser gestada politicamente em instâncias superiores, não sendo pertinente ao conselho deliberar sobre intervenções que causem prejuízos à conservação configurada na norma.

Por último, é preciso refletir sobre as atitudes fratricidas existentes nos conselhos. Para muito além do reconhecimento dos conflitos de interesses, que são legítimos e devem ser trabalhados de modo maduro, o que se observa em certas ocasiões é uma disputa "suja" e desigual que só prejudica à coletividade e à defesa do que é público. Admitir que há práticas perversas não significa justificar a relativização da importância de um espaço como o conselho. Seria o mesmo que "jogar fora o bebê com a água suja". É preciso o inverso: fortalecer os mecanismos democráticos previstos no regimento interno, estabelecer uma dinâmica de funcionamento regular transparente e documentada e incentivar a participação de grupos que de fato representam bases sociais existentes no território.

A rigor, o que o Mosaico Carioca precisa nesse momento de reestruturação é envolver os conselheiros na formulação de prioridades, planejamento de ações e na execução destas, motivando-os a estarem no conselho e mobilizando-os para garantir a conservação da biodiversidade com respeito à diversidade cultural e visando à justiça ambiental.

Por Carlos Frederico B. Loureiro
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Ficha Técnica

Ano I, número 2, Outubro a Dezembro de 2014

O Mosaico Carioca de Áreas Protegidas é um canal aberto de comunicação entre a Sociedade Civil e as Áreas Protegidas situadas na zona metropolitana da cidade do Rio de Janeiro. Este Mosaico integra um programa incentivado pelo MMA, com base jurídica no Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC), e tem como objetivo a integração de ações entre as Áreas Protegidas envolvidas.

Editores Responsáveis: Daniel Machado e Vivian Silva
Revisão: Marco Antonelli e Claudia Magnanini
Colaboraram nesta edição: Frederico Loureiro, Pedro Menezes, Marcus Oliveira, Pablo Viany, Ingrid Pena e Fernanda Rodrigues. **Rio de Janeiro:** Núcleo de Apoio ao Mosaico Carioca, Estrada Velha da Tijuca, 77 – Anexo – Usina, CEP 20531-080. Telefone 2484-7802 ramal 242

Equipe Núcleo de Apoio Mosaico Carioca: Marco Antonelli, Silma Santa Maria, Cláudia Magnanini, Daniel Machado, Gabriel Miranda, Louis Felippe, Sérgio Nascimento.
Blog: www.mosaico-carioca.blogspot.com.br
Facebook: www.facebook.com/mosaicocarioca
E-mail: mosaico.carioca@gmail.com

Agenda do Mosaico

30/10 - 4º Seminário da A3P/JBRJ Cidades Sustentáveis

20 a 23/10 - Curso de Atendimento ao Visitante (Paineiras-Corcovado) - PNT

2/11 - Mutirão de reflorestamento Pão de Açúcar Verde (inscrição: saviorj@terra.com.br)

24 a 28/11 - Curso de Introdução ao PNT (Paineiras-Corcovado)

23/11 - Caminhada no Morro da Babilônia/Parque Natural Municipal Paisagem Carioca

07/12 - Mutirão de reflorestamento Pão de Açúcar Verde (inscrição: saviorj@terra.com.br)

08 a 12/12 - XVIII Congresso Brasileiro de Arborização Urbana XVIII - XVIII CBAU

09/12 - Reunião do Conselho Consultivo do PNT

O evento ciência na floresta será realizado pelo grupo "Guias da Conservação", da UFRJ, e é aberto ao público, ocorrerão palestras, oficinas, trilhas guiadas e afins. Mais informações na página do grupo "Guias da Conservação" no facebook.

Temos, ainda, as atividades fixas de voluntariado:

Terças às 9h - Manejo da trilha da Pedra da Gávea

Quartas às 9h - Manejo da trilha Parque Lage-Corcovado

Quintas às 9h - Manejo de espécies invasoras no setor Floresta

Os três casos podem ter mais informações na página do facebook: Parque Nacional da Tijuca - Oficial

Outubro

D	S	T	Q	Q	S	S
			1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29	30	31	

Novembro

D	S	T	Q	Q	S	S
						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30						

Dezembro

D	S	T	Q	Q	S	S
	1	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27
28	29	30	31			

Lançamento: Guia de Sinalização de Trilhas!

adaptado por Daniel Machado (fonte: ((o))eco)

No dia 13 de agosto de 2014 foi lançado o Guia Prático de Sinalização de Trilhas, de autoria do amigo e idealizador da Trilha Transcarioca, Pedro Menezes. Publicado em formato digital, o guia obteve enorme sucesso desde o seu lançamento, atingindo mais de 5000 visualizações e 1000 curtidas nas duas primeiras semanas. A publicação é uma comemoração aos 10 anos de atividades do site **((o))eco** e o autor, especialista em Unidades de Conservação Urbanas e ex-diretor de Criação e Manejo de Unidades de Conservação do ICMBio, é colaborador do site.

A sinalização direcional de uma trilha tem dois objetivos básicos: indicar a direção correta aos visitantes, evitando que se percam, e facilitar ações de manejo de uma Unidade de Conservação. Assim, evita processos erosivos, impede a criação de atalhos e desestimula o pisoteio de áreas sensíveis.

Agora os leitores do guia poderão acessá-lo mesmo quando estiverem percorrendo suas trilhas favoritas. Com uma diagramação caprichada, o Guia Prático de Sinalização de Trilhas ganhou uma versão em PDF, que pode ser lida em telefones celulares, tablets, notebooks ou até mesmo impressa em papel e levada para o meio do mato, ajudando as pessoas a sinalizar trilhas quando não têm acesso à internet.

Faça o download da versão digital agora mesmo em: http://sinalizetrilhas.wikiparques.org.br/download/

Folha do MOSAICO CARIOCA
MOSAICO CARIOCA DE ÁREAS PROTEGIDAS

Unidades de Conservação

A Trilha Transcarioca cruza o Rio de Janeiro por um percurso de aproximadamente 180 km, percorrendo seis Unidades de Conservação das esferas federais, estaduais e municipais. Conecta o conjunto de trilhas já existentes, oferecendo um novo circuito turístico, que percorre os principais atrativos naturais, paisagísticos e culturais da cidade maravilhosa.

São belíssimas praias, restingas, mangues e costões rochosos, além de ruínas com grande importância histórico-cultural, como antigas fazendas de café, engenhos de açúcar, fortalezas militares, represas de água centenárias, entre outros.

A Trilha Transcarioca promove a divulgação e a visitação nas UC's abrangidas, além de fortalecer o conceito de mosaico. Também estimula a recuperação e a conservação dos corredores ecológicos entre as UC's.

A trilha foi idealizada, inicialmente, em 1998, pelo então Assessor Especial de Meio Ambiente da Prefeitura do Rio de Janeiro, Pedro da Cunha e Menezes.

Conheça por quais áreas protegidas do Mosaico Carioca a trilha passa. Esperamos a sua visita!

Parque Natural Municipal de Grumari

Alexandre Chagas

O Parque é conhecido por suas belas praias selvagens, algumas delas acessíveis apenas por trilhas ou pelo mar. Emoldurada pela Mata Atlântica, abriga a maior área de restinga na cidade. A maioria das trilhas é considerada leve e revelam mirantes deslumbrantes.

A trilha Transcarioca inicia-se em Barra de Guaratiba e entra no Parque de Grumari em seu ponto mais à Oeste. Com cerca de 10 km, permite o acesso ás praias do Perigoso, do Meio, Funda, do Inferno e de Grumari. Possibilita ainda a visita a Pedra da Tartaruga, onde se praticam esporte radicais.

Alexandre Chagas

Parque Estadual da Pedra Branca

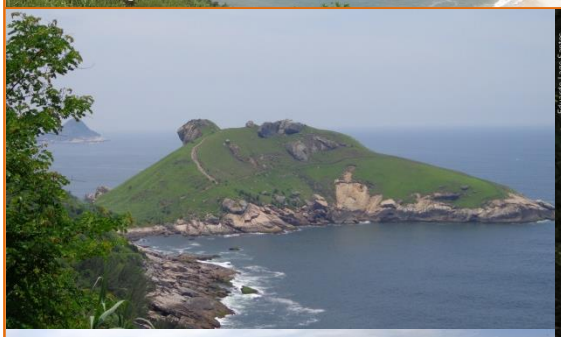
Eduardo Coelho

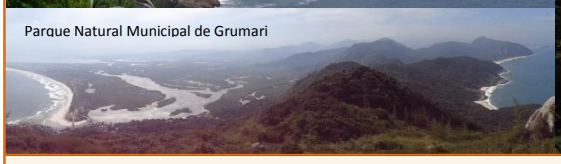
Maior floresta urbana do Brasil (12.394ha) e onde é encontrado o Pico da Pedra Branca, ponto culminante do município do Rio de Janeiro (1.024m de altitude).

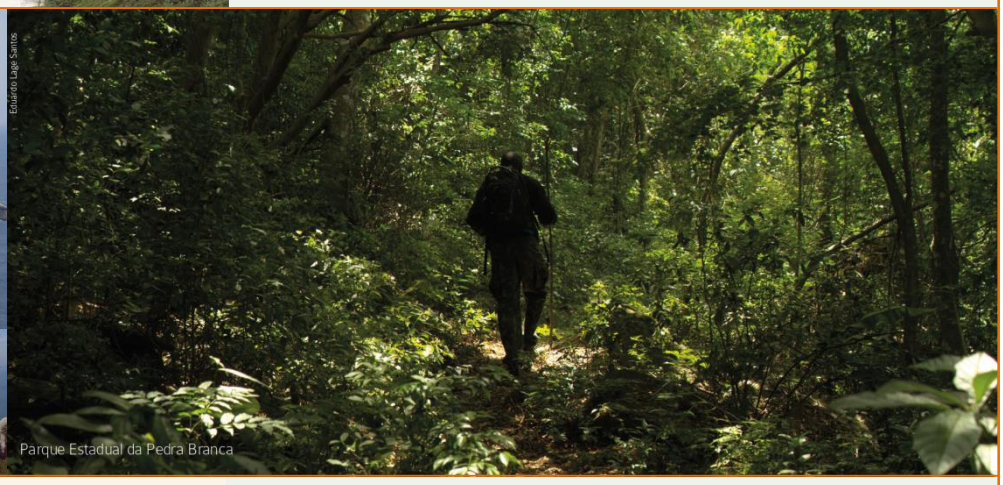
Localizado na Zona Oeste, abriga muitos atrativos como caminhadas leves; banho em cachoeiras; visitas às ruínas e construções do período colonial; travessias e escaladas, quase todos acessíveis por trilhas que possibilitam ao visitante uma visão panorâmica da cidade.

A trilha Transcarioca atravessa o Parque Estadual da Pedra Branca na sua vertente ao sul, cruzando toda a área até o extremo norte, onde se conecta ao Parque Nacional da Tijuca. São mais de 70km de trilhas que abrangem diversos atrativos do parque, como o Açude do Camorim, o Aqueduto do Rio Grande e a Pedra do Quilombo.

Eduardo Coelho




Parque Natural Municipal de Grumari


Eduardo Lage Santos
Parque Estadual da Pedra Branca

SOS MATA ATLÂNTICA
CONSERVAÇÃO INTERNACIONAL Brasil
TrilhaTranscarioca
WWF
SEMEIA

Folha do MOSAICO CARIOCA
MOSAICO CARIOCA DE ÁREAS PROTEGIDAS

Unidades de Conservação

Parque Nacional da Tijuca

O Parque Nacional da Tijuca é a unidade de conservação mais visitada do país. Abriga alguns dos principais atrativos turísticos do Rio de Janeiro e do Brasil. Possui enorme importância histórica e ambiental, sendo uma das primeiras áreas protegidas do mundo e resultado de um pioneiro projeto de reflorestamento ecológico, ainda no século XIX. Possui diversas opções para caminhadas, montanhismo, voo livre e outros esportes radicais.

A trilha Transcarioca cruzará três setores do parque, passando pela Represa dos Ciganos, picos da Tijuca, Papagaio e Cocanha, Morro do Queimado, Vista Chinesa, diversas cachoeiras, Caminho Histórico do Rio Cabeça, até alcançar o Corcovado. A descida até o Parque Lage encerra o percurso no Parque.

Fotos: Ernesto Castro

Parque Natural Municipal da Catacumba

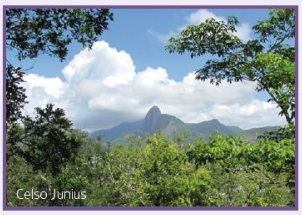
O Parque da Catacumba situa-se às margens da Lagoa Rodrigo de Freitas, um dos locais mais bonitos e frequentados da cidade.

Deborah David

A parte baixa do Parque é um verdadeiro museu a céu aberto. Através de caminhos pavimentados e pequenas praças, o visitante pode apreciar belas esculturas. Se preferir, pode ainda praticar esportes radicais como rapel, tirolesa e muro de escalada. A trilha Transcarioca atinge a parte alta da unidade, dando acesso ao mirante do Sacopã, onde é possível ter uma linda vista da Lagoa, do Jockey Club, do Jardim Botânico, além de uma parte da praia de Ipanema.

Deborah David

Parque Natural Municipal Paisagem Carioca


Celso Junius

localiza-se entre os mais famosos pontos turísticos do Rio de Janeiro e do Brasil: a Praia de Copacabana e o Pão de Açúcar. Fruto de um reflorestamento feito em parceria entre a Prefeitura, o Exército Brasileiro, a sociedade civil e a iniciativa privada, abriga sítios históricos militares e espécies ameaçadas de extinção.

A trilha Transcarioca atravessa os morros S. João, da Babilônia e do Urubu, dando acesso a mirantes com vista estonteante e a favelas pacificadas, onde o visitante encontrará diversas opções de alimentação e hospedagem, além da recepção calorosa da população local.

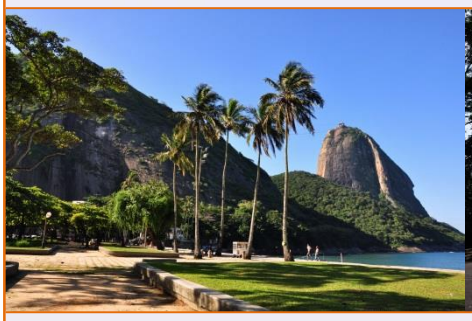
Celso Junius

Monumento Natural dos Morros do Pão de Açúcar e da Urca

Companhia Aérea Pão de Açúcar

Situado no bairro onde foi fundada a Cidade do Rio de Janeiro, o Monumento Natural dos Morros do Pão de Açúcar e da Urca é um dos cartões postais mais conhecidos do planeta e possui diversos atrativos. Além do passeio de teleférico, permite ao visitante a prática de corrida e caminhada, tendo como paisagens a escarpa rochosa, o mar e a floresta. Localiza-se no principal centro de escalada urbana do Brasil.

A trilha Transcarioca chega ao MONA através da Praia Vermelha, sobe a trilha e alcança o topo do Morro da Urca, finalizando seu trajeto com vista deslumbrante para a Baía da Guanabara.



Gessica Amorim

SOS MATA ATLÂNTICA · CONSERVAÇÃO INTERNACIONAL Brasil · TrilhaTranscarioca · WWF · SEMEIA

Folha do MOSAICO CARIOCA
MOSAICO CARIOCA DE ÁREAS PROTEGIDAS

Seres do Mosaico

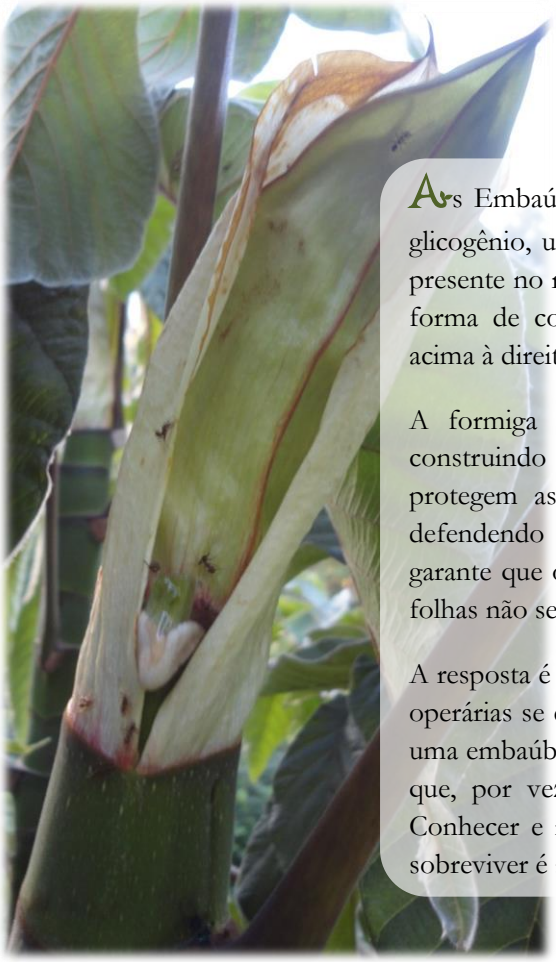
por Daniel Machado

Nesta edição da Folha do Mosaico Carioca é a Embaúba (*Cecropia sp)* que vem nos ensinar sobre a diversidade da nossa flora. Com certeza você já a viu, basta olhar para a paisagem dos parques e morros da cidade do Rio de Janeiro. Você vai reparar em uma árvore, no meio de todas as outras, que apresenta uma coloração esbranquiçada nas suas folhas. É a Embaúba prateada, uma das espécies de embaúba que ocorrem na Mata Atlântica carioca! E a coloração esbranquiçada é das folhas mais antigas, que logo cairão para dar espaço a outras jovens e mais verdes.

Foram os índios Tupi-Guarani que a batizaram assim. Embaúba significa "fruta da arvore de tronco oco" e isso é tão verdade que se você bater no seu tronco vai perceber, pelo som, que ela é oca. Também chamada de Árvore da preguiça, não raramente encontramos o Bicho-preguiça (*Bradypus variegatus*) se alimentando nela, como nesta foto tirada no Parque da Pedra Branca.

Estas árvores tem ocorrência em vários biomas do Brasil e é uma ótima colonizadora de áreas em recuperação, além da borda de estradas e beira de rios. Evolutivamente, muitas delas estabeleceram uma relação próxima com algumas espécies de formigas *(Azteca sp)*, que vivem dentro do seu tronco oco e protegem a planta do ataque de outros insetos.

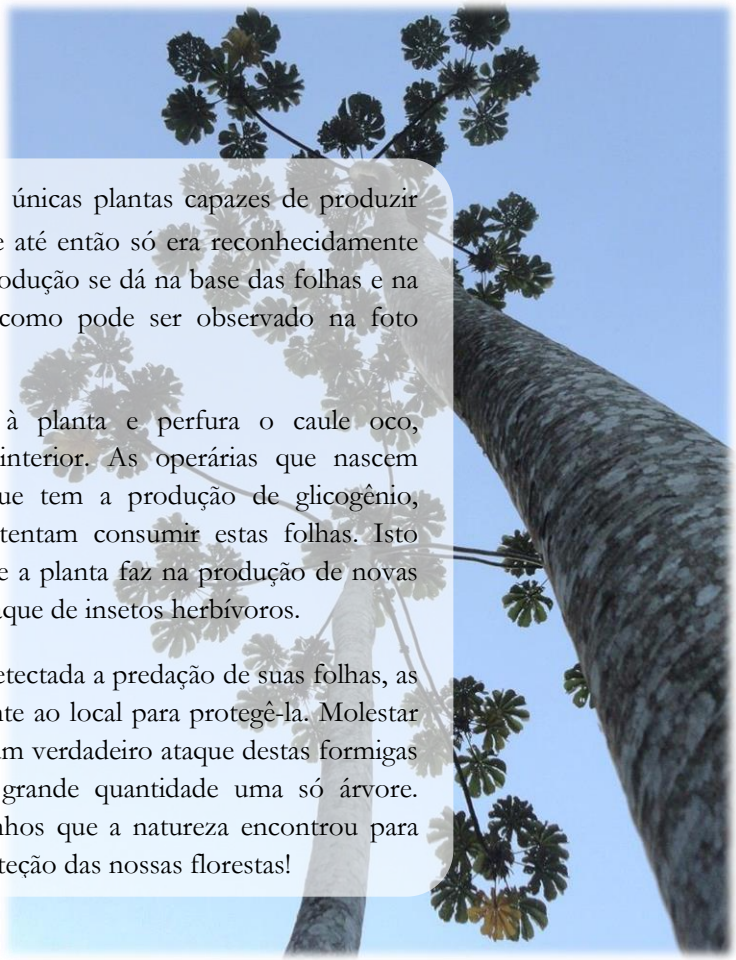
Corpos de Müller (30% glicogênio + 70 % lipídios e proteínas)



As Embaúbas estão entre as únicas plantas capazes de produzir glicogênio, uma substância que até então só era reconhecidamente presente no reino animal. A produção se dá na base das folhas e na forma de corpos de Müller, como pode ser observado na foto acima à direita.

A formiga rainha é atraída à planta e perfura o caule oco, construindo sua colônia no interior. As operárias que nascem protegem as folhas novas, que tem a produção de glicogênio, defendendo dos insetos que tentam consumir estas folhas. Isto garante que o investimento que a planta faz na produção de novas folhas não seja perdido pelo ataque de insetos herbívoros.

A resposta é rápida! Quando detectada a predação de suas folhas, as operárias se dirigem rapidamente ao local para protegê-la. Molestar uma embaúba pode significar um verdadeiro ataque destas formigas que, por vezes, habitam em grande quantidade uma só árvore. Conhecer e respeitar os caminhos que a natureza encontrou para sobreviver é a chave para a proteção das nossas florestas!



Fotos: Pablo Viany (Embaúbas) e Felipe Tubarão (Preguiça).

Revisão e foto dos Corpos de Müller: Marcus Oliveira (JBRJ)

Entrevista

Foto: Pedro da Cunha e Menezes

É com grande orgulho que trazemos em primeira mão o depoimento do idealizador da Trilha Transcarioca, Pedro da Cunha e Menezes, que nos contou tudo sobre as trilhas de longo curso pelo mundo e o futuro da Trilha Transcarioca para a cidade Maravilhosa!!!

O que são as trilhas de longo curso e como nasceu a ideia da Trilha Transcarioca?

Trilhas de longo curso são trilhas, em geral, com mais de 50 km de extensão que, normalmente, conectam várias unidades de conservação. Nos Estados Unidos, conforme a lei: "National Trails Act", elas são consideradas uma categoria de unidade de conservação. No Brasil, se seguirmos a Lei do SNUC, elas poderiam ser enquadradas como Corredores. Aliás, usar trilhas de longo curso como corredores verdes não é uma ideia nova. Em muitos lugares, ligar diversos parques e reservas por uma trilha longa possibilitou a preservação de largas porções de terra entre UCs que, de outra forma, teriam sucumbido ao desenvolvimento urbano ou agrário.

O caso da Trilha Apalache nos Estados Unidos é um exemplo sem par. Primeiramente pensada por Benton Mackaye, em 1921, a história da trilha de 3.600 quilômetros contínuos, ligando os Estados Unidos de norte a sul é um modelo vivo de como a visitação pode ajudar a preservar o meio ambiente.

Com início na Georgia e término no Maine, a Appalachian Trail foi idealizada para dar à maioria da população americana uma chance de caminhar na natureza mas, quando finalmente foi sinalizada pela primeira vez, em 1937, corria basicamente por estradas de terra e ao longo de propriedades privadas.

À medida em que começaram a percorrê-la, os frequentadores da Appalachian Trail passaram a se preocupar com sua integridade. Logo, formou-se uma organização central— a Appalachian Trail Conference— para tomar conta do todo. Para cada um dos usuários da trilha, a mística dela percorrer o país de norte a sul ininterruptamente por mais de três mil quilômetros era fundamental. Ter caminhado ela inteira, ou apenas um quilômetro, significava ter pisado na trilha que cortava os Estados Unidos ao meio. Permitir que essa trilha fosse interrompida, por quinhentos metros que fossem, acabaria com sua integridade, destruiria a mística.

A pressão dos usuários fez com que o trajeto original fosse crescentemente revisto de modo a evitar estradas e recuperar áreas degradadas. Em 1938, o Serviço Nacional de Florestas e o Serviço de Parques Nacionais Americano assinaram um documento comprometendo-se a manter intocados 1,6 quilômetros de cada lado da trilha, sempre que ela cortasse terras por eles administradas.

Isso resolvido, colocou-se o problema dos trechos em que a Appalachian Trail cruzava terras particulares. Tendo em vista a grandiosidade da trilha e os preços exorbitantes do hectare no leste americano, parecia não haver solução. O futuro mais provável seria os interesses econômicos prevalecerem e as terras mais próximas aos grandes centros, tais como Nova Iorque e Filadélfia transformarem-se em estâncias serranas para seus habitantes.

Não foi assim. Já na década de oitenta, entre três e quatro milhões de pessoas percorriam a Trilha Apalache por ano, embora somente cerca de 200 o fizessem de ponta a ponta. Tamanho uso criou uma força política irresistível e o Governo começou a destinar orçamento para desapropriar um corredor de no mínimo 300 metros de largura ao longo de todo o seu trajeto.

Em 1980, o Congresso Americano autorizou o uso de trinta milhões de dólares para esse fim, seguidos de outros 30 milhões em 1981. Como consequência, em 1995 apenas 70 quilômetros, ou cerca de 2% da trilha, ainda passavam sobre propriedade privada.

Naturalmente, a exitosa experiência americana não passou despercebida. O fenômeno das trilhas de longo curso proliferou mundo afora. Somente nos Estados Unidos há mais uma centena delas com mais de 100 quilômetros de extensão cada uma, totalmente sinalizadas e com manutenção frequente. Duas, a Continental Divide Trail e a Pacific Crest Trail, têm mais de 4.000 quilômetros de extensão. Na Austrália, também há mais de duas dezenas de trilhas de longo curso, assim como na Nova Zelândia, Argentina, Israel, Líbano, Dominica, Canadá, Chile e África do Sul. Neste último país a trilha Otter, de quatro dias de caminhada, é exemplo de local onde o excursionismo e a preservação não são antagônicos. Com entrada e saída controladas por forte esquema de fiscalização, apenas 12 pessoas podem percorrê-la a cada dia. Para conseguir caminhar nela, é preciso fazer uma reserva com mais de seis meses de antecedência.

No Nepal, Japão, Coreia do Sul e na Europa o modelo tampouco é desconhecido. Há na França mais de cem trilhas de longo curso, onde são conhecidas como *Grands Randonées*. Suas similares espanholas, os *Grandes Recorridos* têm por emblema maior o Caminho de Santiago. Em Portugal, a Rota Vicentina está revigorando o turismo no sudoeste alentejano, uma área antes deprimida economicamente.

> *"Mesmo no Brasil, há uma grande procura pelas trilhas de longo curso. Os Caminhos da Serra do Mar, no Parque Nacional da Serra dos Órgãos e o Caminho do Ouro, no Parque Nacional da Bocaina são, no entorno da Guanabara, a prova disso."*

A ideia da Trilha Transcarioca surgiu quando comecei a trabalhar como comissário da VARIG. No início de minha carreira como tripulante, trabalhava na Ponte Aérea Rio-São Paulo em regime de escala. Por isso estava labutando em muitos fins de semana, enquanto folgava frequentemente durante os dias úteis. No tempo livre fazia trilhas. Nos dias de batente, no fim de cada perna Congonhas-Santos Dumont, sentava-me à janela e via de cima que havia um corredor de montanhas verdes ligando a Pedra Branca à Tijuca. Por mais que pesquisasse, nunca encontrei informação nenhuma a respeito de trilhas por lá, então comecei a palmilhar a área até consumar a conexão eu mesmo.

Quando deixei a Varig, entrei para o Itamaraty e fui designado para ser assessor da Candidatura do Rio à sede dos Jogos Olímpicos de Atlanta. Em 1996, fiz uma viagem àquela cidade e lá travei contato com um livro sobre a Appalachian Trail, que li avidamente. A associação entre a Appalachian Trail e a trilha que liga a Restinga de Marambaia ao Pão de Açucar foi imediata. Assim nasceu a ideia da Trilha Transcarioca. Ou seja o projeto de ligar por trilhas a Marambaia ao Pão de Açúcar é de 1986. Já, a ideia de transformá-lo em um produto como a Appalachian Trail é de 1996.

Quais são os grandes desafios para a implantação da Trilha Transcarioca na sua totalidade?

Qualquer que seja a escolha tomada para o trajeto devem ser levadas em consideração algumas premissas básicas, tais como evitar nichos de espécies endêmicas ou em perigo de extinção; incorporar trechos com diferentes níveis de intervenção, variando desde pouca ou nenhuma sinalização até trilhas interpretativas como é o caso da Catacumba; buscar franquear acesso aos diversos setores da sociedade; ter frequentes rotas de escape para locais da cidade onde haja infraestrutura de acomodação, transportes, e alimentação; e tentar incorporar os principais mirantes e pontos de interesse turístico das redondezas e sítios de interesse histórico e cultural.

Alguns trechos da Transcarioca já estão sinalizados e são fáceis de percorrer. Outros ainda são confusos, mal sinalizados e muito próximos a áreas com problemas de segurança pública. Ainda assim, embora o traçado da Transcarioca de nossos dias esteja incompleto, é possível vislumbrá-la pronta em um tempo não muito longínquo.

No que toca à segurança pública é impossível dissociar a discussão da realidade da segurança pública no Brasil e no Rio de Janeiro. A Trilha não terá um padrão de segurança diferente do resto da Cidade, mas pode contribuir para uma melhora geral se ajudar a gerar emprego e renda.

O Comando de Policiamento Ambiental da PM e o Grupo de Defesa Ambiental da Guarda Municipal estão envolvidos no planejamento e implementação da trilha há mais de três anos. Têm participado de seminários e das atividades de campo da Transcarioca. Estiveram bem ativos no mutirão de sinalização que fizemos em setembro, quando montaram e executaram um esquema de segurança voltado para a Transcarioca.

No ano passado, uma delegação da Transcarioca que incluiu o Coronel PM Eduardo, comandante do CPAM, e os Chefes do Parna Tijuca e do PEST Pedra Branca visitou a trilha de longo curso Hoerikwaggo, na Cidade do Cabo- África do Sul-, para ver como é feita a segurança por lá.

Depois disso, a convite do Coronel Eduardo, dei uma palestra sobre a Transcarioca e seus desafios de segurança para os oficiais do CPAM. Há dez dias, vários integrantes do Projeto Transcarioca visitaram a sede do CPAM, onde discutiram a questão com a oficialidade da PM ambiental. Não temos ilusão de que a Trilha Transcarioca vai ser livre de problemas de segurança, mesmo por que o problema da criminalidade é maior que ela, é endêmico do Brasil. Estamos, entretanto, fazendo tudo que é possível para termos um plano de segurança para a trilha tecnicamente bom e passível de ser aplicado.

Como vem sendo implantada a Trilha Transcarioca e em que etapa ela se encontra?

Muita gente me pergunta quando a Transcarioca estará pronta. Costumo responder: "nunca". Uma trilha de longo curso é um organismo vivo. Depois de quase 100 anos de existência, a Appalachian Trail continua sendo implementada. Analogamente, a implementação da Transcarioca tem várias fases.

(1) *Definição do traçado no mapa;*
(2) *Definição do traçado no terreno;*
(3) *Sinalização rústica e poda;*
(4) *Implantação de obras de arte (pontes, mirantes, corrimãos, escadas), sinalização com placas grandes com mapas, website, etc;*
(5) *Criação e/ou cadastramento de pontos de apoio tais como abrigos e restaurantes.*

A trilha está avançando na medida em que se apresentam oportunidades. Assim, a etapa 1 está toda definida. A etapa 2 já está 95% definida, faltando apenas alguns trechos no Parque Estadual da Pedra Branca e na Serra dos Pretos Forros. A etapa 3 está cerca de 65% pronta. Hoje os trechos que já estão completamente sinalizados são:

(1) de Guaratiba à Grumari;
(2) vários trechos na Pedra Branca;
(3) do Pico da Tijuca ao Parque Lage (maior trecho até agora);
(4) do Parque Lage pela orla da Lagoa até a rua Vitória Régia (passando pelo Parque da Catacumba);
(5) Morro São João e Morro da Babilônia;
(6) e da pista Claudio Coutinho ao Morro da Urca.

Em alguns lugares, como no Parque Natural Municipal da Catacumba e no Parque Nacional da Tijuca já estamos começando a fase 4. Ali estão sendo instaladas pontes, escadas, corrimãos, mirantes e outras obras de arte. Já temos um facebook oficial, onde podem ser baixados os mapas de alguns trechos e o website está em vias de ser feito.

Quais os benefícios que a Trilha Transcarioca pode gerar para as comunidades do entorno?

Trocar a lógica cultural vigente em que o desmatamento provoca progresso, pelo postulado de que a mata preservada também pode ser um bem econômico pode ser a contribuição da Trilha Transcarioca para a conservação e para as comunidades do entorno. Estudos recentes da Appalachian Trail Conference nos Estados Unidos, e da Bibbulmun Track na Austrália, mostraram que os gastos diários de um excursionista de longo curso são em média de US$ 20 por dia, somando-se alimentação, controle de trechos erosivos, camisetas e mapas relacionados à trilha, guias, transporte, pernoite e equipamento.

À medida em que a mata preservada for mais interessante economicamente do que os lucros auferidos de sua destruição, estaremos mais próximos da vitória contra o desmatamento. A contribuição de uma Transcarioca, porém, é muito maior do que a simples geração de um fator econômico em prol da preservação. Uma trilha de longo curso cria a sensação de unidade para todas as áreas protegidas que atravessa, criando assim um grupo grande de apoio à conservação da trilha inteira. Na Trilha Hoerkwaggo em Dominica, no Caribe, e na Rota Vicentina em Portugal, vi com meus olhos como a implementação de trilhas de longo curso irrigaram a economia local. Bem administrado esse equipamento gera, na própria manutenção da trilha, empregos para mão de obra com pouca qualificação.

TrilhaTranscarioca

São equipes que vão fazer as escadas, pontes e abrigos, pintar a sinalização e manter os drenos para corrigir a erosão, entre outras intervenções físicas. Além disso, ele induz a criação de pequenas pousadas, albergues e locais de alimentação ao longo de seu traçado, estimula a criação de serviços especializados de transportes, aumenta a demanda por guias e irriga o mercado de material e roupa de montanhismo.

Como vive repetindo o Secretário Beltrame, as UPPs sozinhas não vão resolver o problema da criminalidade nas favelas, é preciso que outras iniciativas também cheguem lá. O projeto Transcarioca acredita que pode ser uma dessas outras iniciativas. Se bem planejada, a passagem da Trilha Transcarioca por comunidades que já têm UPP, pode induzir a criação de emprego e renda. Nesse sentido, como já disse a professora Jaqueline Muniz em um Seminário sobre a Trilha Transcarioca "Essa trilha tem o potencial de ser a linha que vai costurar o rasgo que divide a Cidade Partida".

Como o uso público pode contribuir para a manutenção das Unidades de Conservação?

Do ponto de vista do usuário, são muitas as atrações de uma trilha de longo curso. Só elas permitem vivenciar o *trekking* (uma caminhada de mais de um dia) que no Brasil é confundido com o *hiking* (uma caminhada de menos de um dia). Já, para o administrador público, por que razões tantas *long trails* foram estabelecidas no mundo?

O projeto de Construção da Great Eastern Centenary Track, na Austrália lista doze. Uma chama a atenção do carioca ansioso com o futuro de seus Parques: "*Aumento substancial nos níveis de preocupação com o meio ambiente e melhoria nas políticas públicas de manejo nas unidades de conservação*".

Nesse sentido, constituir uma Trilha Transcarioca atravessando todo o Município do Rio de Janeiro, bem sinalizada e com manutenção frequente, seria dar oportunidade à cidade de beneficiar-se com o fato de ser costurada por um corredor verde. Por gerar atividade econômica advinda de seus usuários, uma Transcarioca ajudaria a reverter a lógica econômica corrente de que esse corredor é um entrave à expansão e ao desenvolvimento. Ter essa trilha é assegurar que os Parques do Rio serão ligados por um caminho verde, que terá um grupo permanente de apoio à sua manutenção – os próprios transcarioqueiros e a comunidade montanhista, cujos membros se multiplicariam muito.

Na área entre a Pedra Branca e o Parque Nacional da Tijuca, uma Trilha Transcarioca deve, sobretudo, servir ao objetivo de estabelecer uma coluna vertebral psicológica entre os dois Parques. Uma cabeça de ponte para a futura proteção legal da área em que está inserida. A partir da demarcação da Trilha, podemos sonhar com a elevação daquela fieira de morros ao estatuto de Parque e as medidas práticas benéficas que se seguem, como o reflorestamento e a construção de passagens de fauna sobre as estradas Grajau-Jacarepaguá, Catonho, Cândido Benício e Grota Funda entre outras.

A adoção de trechos de trilhas de longo curso por ongs, clubes e outros apoiadores é uma realidade internacional e foi uma repercussão do mutirão de sinalização rústica em 2014. Qual a importância deste engajamento na implantação da trilha Transcarioca?

É sabido que os Parques do mundo que obtiveram melhores resultados de conservação são aqueles cujos usuários mais se dedicaram à sua conservação. Grande parte dos trabalhos de conservação, hoje, são intensivos em mão de obra: combate a incêndios florestais, remoção de exóticas invasoras, restauração ambiental, manutenção de trilhas, educação ambiental etc. Quem ama cuida.

O mesmo fenômeno deu-se em trilhas de longo curso. A Appalachian Trail foi a pioneira no uso de voluntários e é hoje um dos corredores ecológicos mais bem cuidados em todo o mundo. Não por acaso, sua manutenção está a cargo de grupos voluntários. A trilha inteira foi dividida em trechos. Cada trecho foi adotado por um grupo de usuários ou uma ong. Todos seguem as mesmas regras e padronização de manutenção.

O modelo foi copiado com sucesso em mais de 100 trilhas de longo curso mundo afora e é o mesmo que estamos adotando na Trilha Transcarioca.

Quais suas perspectivas para o futuro da Trilha Transcarioca?

O crescente engajamento da população e das ongs nos deixa animado. Também estamos otimistas com a forte participação dos gestores das Unidades de Conservação ligadas pela Trilha Transcarioca. A verdade, contudo, é que a Trilha nunca atingirá patamares semelhantes à Appalachian Trail e às trilhas estrangeiras se não contar com um pequeno orçamento próprio e um grupo de profissionais exclusivamente responsáveis por seu funcionamento.

Em um primeiro momento estamos falando de cerca de dez trabalhadores de campo e três de curso superior. Os primeiros ajudariam na implementação e manutenção do traçado, enquanto os segundos se dedicariam a captar fundos, gerir e treinar os voluntários, produzir mapas, fomentar a criação de abrigos e albergues, manter uma página na internet etc

Já procuramos o Prefeito Eduardo Paes para pedir seu apoio. Ele afirmou ter gostado do projeto e ficou de dar uma resposta em breve. Estamos aguardando.

A equipe da Revista FOLHA DO MOSAICO CARIOCA agradece à Pedro da Cunha e Menezes por todo o empenho e auxílio na realização do Mutirão da Trilha Transcarioca. Não perca as próximas páginas com muitas fotos e novidades da primeira trilha de longo percurso do Brasil.

Foto: Amigos do Perigoso.

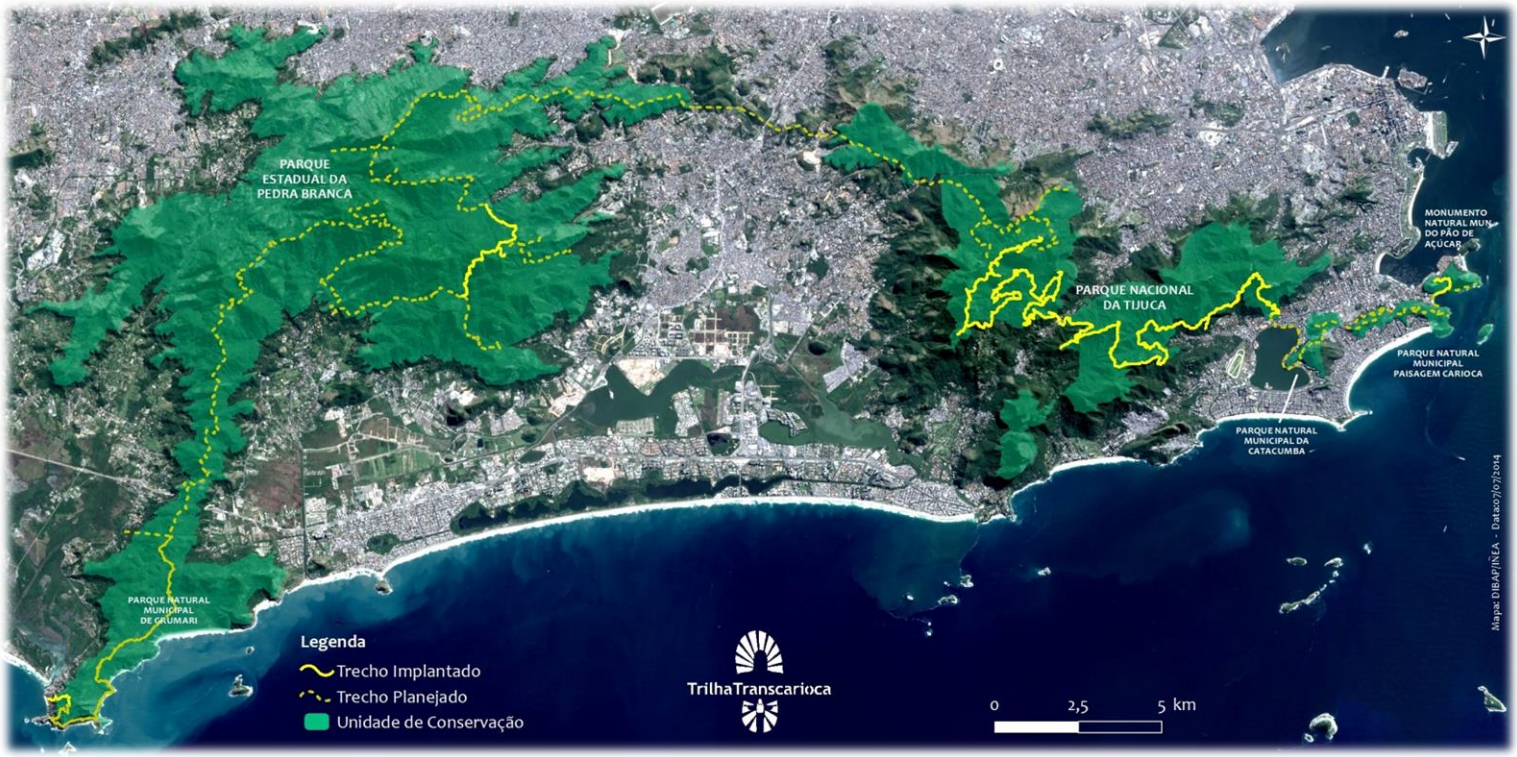
O Grande Dia T

Por Vivian Silva e Daniel Machado

Podendo ser percorrida por trechos ou em todos os seus quase 180 Km de uma única vez, a Trilha Transcarioca é uma iniciativa inédita no Brasil. Desde o ano de 2000 a trilha de longo curso vem sendo discutida e planejada e no dia 14/09 deste ano teve seu maior momento de construção. Cerca de 600 voluntários juntaram suas forças num grande mutirão em favor de uma iniciativa que carrega consigo, além de todo o apelo ambiental, o fortalecimento de uma nova estratégia de gestão das áreas protegidas cariocas.

Com o apoio financeiro da SOS Mata Atlântica, da WWF e do Instituto Semeia, foram adquiridos **720 kits (camisa, sacola personalizada e lanches)** distribuídos aos voluntários do mutirão. Merece destaque, ainda, o apoio logístico fornecido pela Conservação Internacional, FEMERJ, AAPNT, ICMBio, SEA/INEA e Prefeitura do Rio/SMAC.

O evento realizado pelo Mosaico Carioca com mais de **800 inscritos** contou com o **apoio de 37 instituições** que foram indispensáveis para a concretização do mutirão.



Mapa com o traçado da Trilha Transcarioca desenvolvido por Camila Rezende, INEA.

O plano é continuar alimentando tal efervescência. Abarcar o maior número possível de turistas, visitantes, amantes da natureza... e cariocas. O incentivo ao turismo ecológico deve expandir-se junto com o entusiasmo dos moradores da Cidade Maravilhosa. Falo da inserção da população, da democratização das áreas protegidas e de seus usos. O tipo de relacionamento com a natureza faz parte do tipo de cidade que é construído e do tipo de cidadão que a ocupa.

Os voluntários que se reuniram no PNM Catacumba contaram com o apoio da Polícia Ambiental para garantir a sinalização.

Imagem do kit de sinalização: molde, espumas de pintura, tinta e escova.

Foram adquiridos para o mutirão: 96 escovas de aço, 36 litros de tinta amarela, 180 espumas de pintura, 2,5 kg de pregos, 34 martelos ou marretas, além de 720 lanches.

Voluntários no Catacumba. Fotos de Felipe José.

A escova de aço foi utilizada para limpar as superfícies antes de aplicar a marcação. Foto de Alexander Oliveira no PNM Grumari.

Nossos voluntários auxiliando na marcação da trilha no PNM Grumari. Com molde e tinta em mãos, deram vida à sinalização rústica de troncos e pedras ao longo do trajeto. Fotos de Flavio Morais.

Voluntários do PNM Grumari reunidos. Foto Karuze Andrade.

No início de cada atividade, o líder de trecho realizava um *briefing* com o grupo de voluntários para orientá-los sobre o trabalho no mutirão. Foto tirada no PNM Paisagem Carioca.

Grupo reunido no PNM Paisagem Carioca. Foram confeccionadas **mais de 150 setas e 50 placas de destino**.

Grupo de sinalização do MONA Pão de Açúcar reunido.

Intervenções na trilha com a colocação de cordas de segurança e fechamento de atalhos.

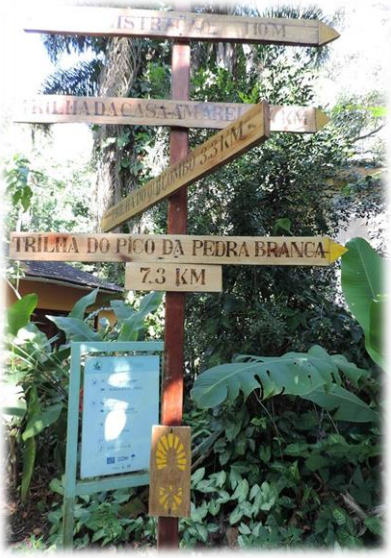
Instalação de mourões e placas indicativas. Fotos de Kika Bradford.

Não se pode dar pouca importância à sua eficácia como medida de popularização e conscientização da questão ambiental. Trazer à discussão a problemática ambiental, popularizá-la e fazer da preocupação com as áreas verdes cariocas um debate cotidiano, daqueles que acontecem nas calçadas cariocas, no ônibus, com o novo vizinho de assento, nas mesas de bar por toda a cidade. Nesse ponto a Trilha Transcarioca cumpriu bem o seu papel. Tem sido comentada, desperta interesse e curiosidade. Todos aqueles envolvidos com o "verde" da nossa cidade querem saber como vai o projeto. A trilha atravessa o Rio de Janeiro. Passa por cenário, bairros e realidades diferentes.

Muito mais do que um elemento de aproximação da população com o meio ambiente, a Trilha Transcarioca inova por ser um elemento integrador, a linha que costura o Mosaico Carioca e reúne suas frações em uma gestão unificada onde o maior beneficiado é a Mata Atlântica.

Acima, grupo de voluntários que realizou a sinalização do trecho Represa dos Ciganos – Lageado, no Parque Nacional da Tijuca. À direita, sinalização rústica sendo feita na raiz tabular de uma grande árvore na Floresta da Tijuca. A tinta não prejudica o ambiente!!!

CARTA DE AGRADECIMENTO AOS VOLUNTÁRIOS!



O Comitê Organizador agradece a participação de todos e parabeniza os Voluntários pelos expressivos resultados alcançados! Graças a Vocês Voluntários, a Trilha Transcarioca não é mais apenas um sonho. Agora temos mais de 100 km de trilhas sinalizadas e já é possível caminhar continuamente seguindo as pegadas da Trilha Transcarioca desde a Estrada Grajau Jacarepaguá até o Morro da Babilônia! Ainda há, contudo, muito que melhorar. Uma trilha desse porte é um organismo vivo. Falta sinalizar cerca de 80 km. Mesmo nos trechos sinalizados, faltam mais tabuletas, mapas, degraus, mirantes, corrimãos, placas educativas e interpretativas, faltam abrigos e informações sobre transportes e sobre guias. Ainda não temos um website! Enfim, ainda há muito trabalho pela frente! Há muito que fazer.

Nas próximas semanas estaremos anunciando mutirões menores, dedicados a trechos específicos, cujo traçado e sinalização pretendemos melhorar sempre. No seu aniversário de 450 anos, o Rio de Janeiro conta com VOCÊ para continuar ajudando a tornar o sonho da Trilha Transcarioca em realidade!

Grupos reunidos para o mutirão de sinalização na Pedra Branca. Fotos: PEPB.

Seminário Trilha Transcarioca

adaptado por Daniel Machado

Organizado pelo Mosaico Carioca, SMAC, INEA, ICMBio, com o apoio da Conservação Internacional, da SOS Mata Atlântica, do Serviço Florestal Americano e da USAID, o objetivo do evento *Trilha Transcarioca – Seminário Internacional de Trilha de Longo Curso* foi apresentar um panorama geral sobre as trilhas de longo curso no Brasil e no mundo, divulgar o projeto *Trilha Transcarioca*, bem como debater e colher subsídios de montanhistas, excursionistas, pesquisadores, gestores e especialistas para o seu desenvolvimento e implantação.

O evento foi realizado nos dias 24, 25 e 26 de Abril de 2013, no auditório da Fundação RioZoo - Quinta da Boa Vista, Rio de Janeiro. Contou com a participação de 196 convidados, de 77 instituições do Brasil, dos Estados Unidos e da África do Sul, entre estas, 8 universidades do Rio de Janeiro.

O seminário teve como objetivo reunir especialistas e interessados envolvidos direta e indiretamente com a Trilha Transcarioca. Nele foram realizados debates e trocas de informações visando as próximas etapas de implantação da Trilha. Da oficina participaram 92 pessoas de 23 instituições, distribuídas em 9 grupos de trabalho (GTs), cujo resultado apresentamos aqui como os próximos passos após o Grande Dia T.

Dos nove GTs, três foram temáticos (Comunicação, Divulgação e Parcerias; Sinalização e Manejo; e Segurança) e seis representaram os trechos que compõe, em sua base, a Trilha Transcarioca (Grumari, Pedra Branca, Tijuca, Catacumba, Paisagem Carioca e Pão de Açúcar).

Recomendações do Seminário à *Trilha Transcarioca* :

1. Plano de comunicação objetivando apoiar a implantação e funcionamento da *Trilha Transcarioca* devido às suas características particulares - conexão de um conjunto de trilhas já existente em seis unidades de conservação das esferas federal, estadual e municipal, e ampliação de um novo circuito turístico que percorre os principais atrativos naturais, paisagísticos e culturais da cidade. O Plano deve contemplar o público interno (todos os envolvidos nas etapas de implantação e manejo, incluindo as comunidades locais), e o externo (cariocas em geral, turistas).

2. Cada trecho deverá definir o melhor traçado, pontuar, orçar e realizar as intervenções necessárias à sua habilitação e manejo. O mesmo em relação à sinalização rústica.

3. Deverão ser relacionados no mapa do traçado: os pontos de acesso a cada trecho e as Linhas de ônibus e/ou transporte, hospitais, postos policiais, bombeiros, hospedagem, alimentação, áreas de camping, locais históricos, venda de artesanato, dentre outros de igual relevância.

4. Deverão ser iniciados e/ou aprofundados: Mapeamento de pontos de comunicação via celular, levantamento dos pontos para sinalização de locais perigosos, análise de potabilidade da água (para beber e para banho), rotas de fuga, cronograma de implantação do traçado possível (atual) para o traçado ideal (futuro).

5. Desenvolvimento de um projeto específico para a conexão do PEPB – PNT, incluindo a criação de nova APA ou redelimitação de uma das APA existentes na região, de maneira a abranger por completo a conexão entre os maciços. Esta unidade de conservação teria como principais funções a centralização das diversas ações governamentais na região, a regulamentação da expansão urbana e o reforço da proteção das áreas florestadas, além de promover ações de educação ambiental para a população da região.

6. Prever investimentos em infraestrutura para aumentar a capacidade de carga das trilhas existentes e habilitação dos trechos planejados.

7. Compatibilizar o pernoite e o banho em locais específicos nas UC envolvidas no projeto mediante a legislação vigente.

Fotos: Ricardo Pimentel. Registro do mutirão que sinalizou a Pedra do Telégrafo no PNM Grumari.

AAMC

por Fernanda Rodrigues e Ingrid Pena, adaptado por Daniel Machado

Este espaço é dedicado às instituições civis e órgãos da gestão pública que fazem parte do Conselho Consultivo do Mosaico Carioca para contar um pouco sobre o trabalho que é desenvolvido em conjunto com nossa gestão. Nesta segunda edição vamos conhecer um pouco mais sobre o trabalho da Associação de Amigos do Mosaico Carioca (AAMC).

A AAMC é uma associação sem fins lucrativos fundada em 2013. Ela surgiu para contribuir com o desenvolvimento do Mosaico Carioca, e neste sentido, a ideia inicial era atuar em atividades de desenvolvimento de conservação e de uso público em unidades de conservação e demais áreas naturais, em especial as do Mosaico Carioca. O objetivo principal é promover a interação entre a sociedade e a natureza e para isso visa agir nas seguintes linhas: a preservação, defesa e conservação do meio ambiente e promoção do desenvolvimento sustentável através da elaboração de planos e projetos de uso público; o planejamento turístico; a educação ambiental; a criação, sinalização e manejo de trilhas interpretativas; a promoção de cursos, palestras e seminários; a recuperação de áreas degradadas; entre outros.

Fernanda Rodrigues e Ingrid Pena são sócias-fundadoras da AAMC e relatam como foi a experiência na Trilha Janela do Céu, que fica no Parque Natural Municipal Penhasco Dois Irmãos. No dia 27 de julho de 2014 ocorreu um mutirão para o fechamento de atalhos através do plantio de mudas de espécies nativas na trilha em questão. O mutirão foi organizado pela AAMC em parceria com a gestão do parque e da empresa RJ Adventura.

Por que fechar atalhos em trilhas?

Existe o traçado original da trilha que é feito de forma planejada e que deve ser seguido. Porém, com o tempo, alguns atalhos são abertos de forma espontânea, sem planejamento, pelos próprios visitantes para que percorram mais rápido o percurso. Estes atalhos provocam impactos ambientais negativos, como erosão, compactação do solo, degradação da vegetação e estresse da fauna.

Diante disso, o fechamento de atalhos através do plantio de mudas de espécies nativas se apresenta como uma estratégia eficiente na redução destes impactos.

A Ação dos Voluntários.

A AAMC ficou responsável por captar voluntários para o mutirão, e a partir das atividades que seriam desenvolvidas, foi limitado o número de participantes. A procura foi grande e houve até uma lista de espera. O auxílio da gestora do Parque e dos agentes ambientais foi fundamental para o plantio das 50 mudas. Os voluntários puderam aprender sobre o uso de ferramentas, espécies de plantas, a forma correta de plantar e ainda puderam conhecer a trilha. O dia estava chuvoso, mas a vontade de ajudar era tanta que os voluntários não perderam o ânimo.

Fonte: vamostrilhar.com.br

Ao final, o mutirão foi encerrado com o agradecimento da gestora pela disposição e participação de todos. Os membros da AAMC acreditam que a experiência foi enriquecedora, tanto para os voluntários quanto para os organizadores.

As luvas utilizadas pelos voluntários foram doadas pelas lojas Politintas e Casa Campos em uma campanha de doação promovida pela AAMC na semana anterior ao mutirão, no bairro do Leblon, que é entorno do parque.

"O mutirão, como outros que acontecem nas nossas áreas protegidas, é de grande importância! O envolvimento das pessoas no cuidado com a natureza e o benefício gerado para o parque trazem satisfação para todos. Cuidamos melhor daquilo que conhecemos, compreendemos e vivemos. Esse é um dos objetivos da AAMC, fazer com que a sociedade conheça melhor suas áreas verdes para que desta forma, possa zelar por elas".

Fotos: Vivian Silva

Nosso Mosaico!

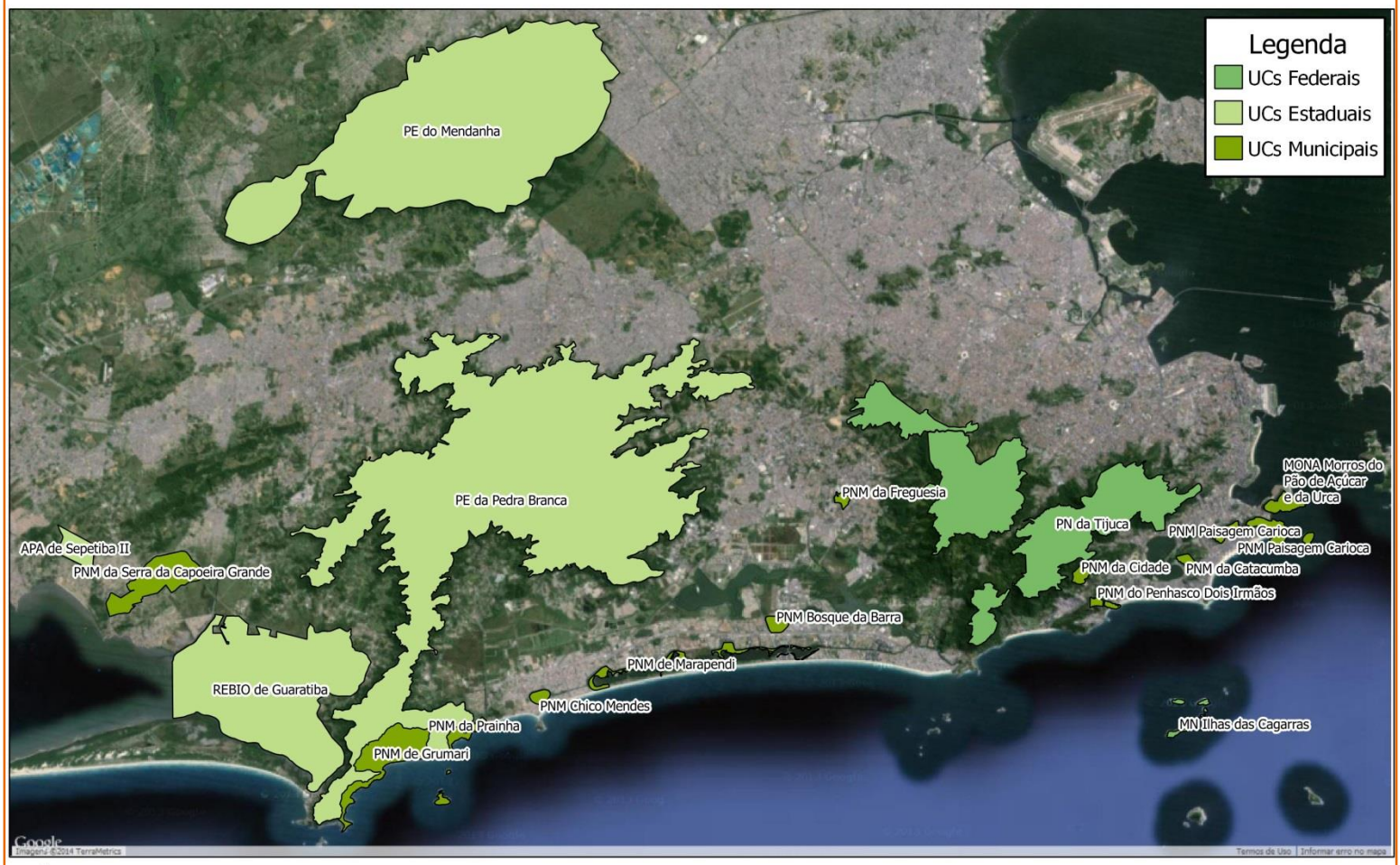
por Vivian Silva

O Mosaico Carioca é composto por áreas protegidas de três diferentes âmbitos de gestão: Federal, Estadual e Municipal. Seu principal papel é aproximar essas diferentes esferas em prol de uma gestão integrada que beneficie os gestores, usuários e a comunidade envolvida no cotidiano das UC.

Todas as áreas protegidas pertencentes ao Mosaico têm relevância quando se trata da conservação ambiental carioca, isso porque elas são componentes da iniciativa maior que tenciona a conservação e possível reconexão dos fragmentos vegetais beneficiando fauna e flora através de maiores possibilidades de mobilidade espacial e de potencial de dispersão. Além disso, é inquestionável a melhora na qualidade de vida dos moradores da cidade quando se aumentam as áreas verdes nos limites urbanos.

As UC da cidade do Rio de Janeiro apresentam realidades diferentes em termos de composição, dimensões, relação com o ambiente lindeiro e com seus vizinhos. Tais particularidades exigem estratégias de gestão mais direcionadas e específicas para que as necessidades de cada área protegida sejam satisfatoriamente atendidas. O Mosaico Carioca cumpre o papel de apoiar esta importante aproximação entre a esfera de gestão e a UC e sua realidade.

MAPA DE CARACTERIZAÇAO DO MOSAICO CARIOCA



N

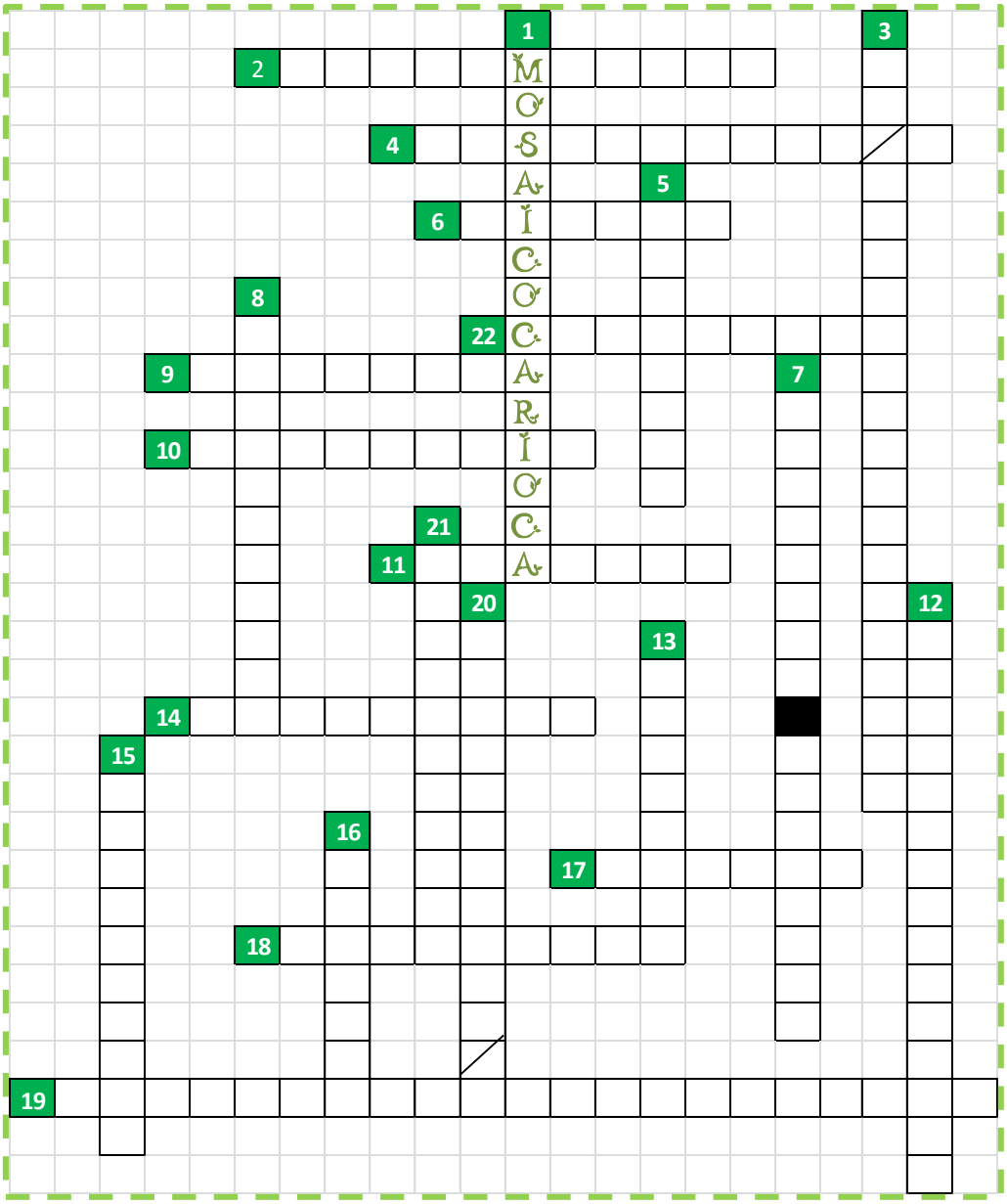
1:220000

Fonte da Imagem: Google 2014

Não deixe de acompanhar as ações do Mosaico Carioca de Áreas Protegidas pelos nossos canais de comunicação. Através deles você também vai descobrir como colaborar e ser um voluntário nos projetos desenvolvidos pelo Mosaico Carioca e pela Associação de Amigos (AAMC).

Site: www.mosaico-carioca.blogspot.com.br
Facebook: www.facebook.com/mosaicocarioca
E-mail: mosaico.carioca@gmail.com
Telefone: 2484-7802 Ramal 242
Endereço: Estrada Velha da Tijuca, 77 - Anexo - Usina - Tijuca. CEP: 20531-080

Cruzadinha



Você é capaz de reconhecer de quais parques do Mosaico Carioca de Áreas Protegidas estas fotos foram tiradas? Uma pista, em cada foto está a categoria da Unidade de Conservação: PNM – Parque Natural Municipal; PN – Parque Nacional; APA – Área de Proteção Ambiental; PE – Parque Estadual; REBIO – Reserva Biológica; e MONA – Monumento Natural. Boa Sorte!!!